

RE.LUTO - DRAMA INDIGENTE

VANA MEDEIROS

"Porque tudo que é vivo morre.

Viver aqui é milagre."

Paulinho Tó

PERSONAGENS

OTTO, o cachorro

DONATO, o provável dono da maior loja de ferragens no centro de São Paulo

COXA, o policial

HUBU, o refugiado

CLEBERSON, o morador de rua

XISMENE, o cadáver

PRÓLOGO

(O palco está vazio, exceto por um enorme saco de lixo preto estendido em cima do que à primeira vista parece o corpo de uma pessoa. É OTTO, o cachorro de Xismene.)

OTTO (acorda violentamente, tomando fôlego como se estivesse tentando se salvar de um afogamento)

ONDE? ONDE?

Cadê? Ela? Cadê?

Ela tava aqui.

CADÊ ELA?

Ela tava aqui do meu lado.

Eu tenho certeza.

SERÁ QUE ELA ESTÁ COM ELE?

Não. Não. Não. Ele, não. Ele, não. Por favor, ele, não.

ELE NÃO.

QUE CHEIRO É ESSE?

Esse cheiro não estava aqui. Onde estava esse cheiro? Que cheiro é esse que eu nunca senti? Ai meu deus eu estou ficando nervoso, eu odeio ficar nervoso, eu estou com...

MEDO?

Medo? É isso que eu estou sentindo?

MEDO?

Acho que é medo.

Cadê ela e que cheiro é esse? Cadê ela e que cheiro é esse?

ELA FOI EMBORA.

É isso, ela foi embora. Me passou esse pensamento pela cabeça e eu não sei porquê, mas agora por causa disso eu tenho certeza que ela foi embora. Não tem nada que eu tenha mais certeza do que isso, ela foi embora.

OU NÃO.

Ela não iria embora.

IRIA?

Ela não iria embora porque ela nunca foi embora. E com base nesse dado real e concreto da minha vida e da dela eu posso afirmar com toda a certeza que ela não foi embora. Ela não iria embora, e essa é a coisa mais certa em que eu posso pensar agora.

EU PRECISO IR EMBORA.

Eu preciso encontrar ela. Ela com certeza está precisando de mim. Ela deve estar com problemas e a essa hora ela deve estar presa debaixo de alguma merda e pensando...

CADÊ O OTTO?

Eu sou o Otto. Só eu sou o Otto. E se ela está pensando em mim não tem nada que eu possa fazer. Eu preciso encontrar ela. Eu preciso. Não tem nada mais difícil do que ser amado.

CADÊ ELA?

Eu não quero ser amado. Eu quero ir embora. Eu quero procurar ela. Tudo o que eu quero é ser amado. Tudo.

E EU ERA.

Eu era amado. Ela me amava.

ELA É PASSADO AGORA?

Ela é passado e eu sou presente? Eu preciso encontrar ela. Não quero ela passado. Tudo aquilo é também meu medo e ela não é medo. Ela é o contrário de medo.

ELA É MÃE.

Não, ela não é mãe. Ela mal pode ser ela. Não pode ser mãe. Mas ela me ama. Eu sou amado por causa dela. E esse amor é tudo o que eu preciso lembrar agora, eu preciso lembrar. Não posso esquecer.

ELA NUNCA IRIA EMBORA.

ELA FOI EMBORA.

Cadê ela?

CADELA.

UM ÚNICO ATO

(Calçada na frente de uma loja de ferragens do centro de São Paulo.)

DONATO

O senhor está querendo me dizer que não pode fazer nada sobre a situação? O senhor está querendo me dizer que veio até aqui respondendo a um chamado meu. Você, que se o senhor me dá licença de falar, veio até aqui respondendo a um chamado meu, então me deve já de antemão algum tipo de desculpa, alguma satisfação, alguma ordem do dia, se é que o senhor me entende. O senhor veio até aqui e não pode fazer nada sobre a situação. Eu gostaria é de saber do senhor o que é que o senhor vai fazer sobre esta situação que é eu ter que explicar para cada um dos meus clientes o que é que eles têm que fazer antes de entrar aqui dentro da minha loja. O senhor, veja bem, não sei se o senhor percebeu, mas isso aqui é uma loja de ferragens. Aliás, isso aqui não é só uma loja de ferragens, não, senhor, o senhor por favor entenda que quando estiver falando comigo não está falando apenas com o dono de uma loja de ferragens. O senhor está falando com o dono da maior loja de ferragens do centro de São Paulo. Saiba o senhor que anteontem mesmo - ANTEONTEM - me veio um senhor até aqui com uma bela de uma prosódia querendo medir a loja pra provar que ela é a maior do centro de São Paulo. Daqui a pouco, aliás, daqui a apenas duas horas, este mesmo senhor vai trazer aí uns amigos dele que vão corroborar que esta loja de ferragens não só é MINHA como tem a honra de ser importantíssima para esta cidade e para este país, e vai incluir a minha humilde, a minha modesta loja num daqueles catálogos de pontos turísticos aqui da nossa cidade. E o senhor quer então que eu explique para ele, pro HOMEM DE PALAVRA, pros meus clientes que aqui estão entrando, que eles precisam PULAR UM CADÁVER se quiserem comprar um chuveiro novo, é isso mesmo? UM CADÁVER, ainda por cima, DE UM RELES MENDIGADOR. Você quer que eles tomem banho frio essa noite, é isso mesmo? Porque o senhor, uma autoridade policial, não pode fazer nada a respeito!

COXA

Em primeiro lugar, eu não sei porque é que o senhor resolveu que pode falar assim comigo. Eu tenho uma patente, o senhor que me entenda bem. Eu tenho uma patente que nem vem ao caso qual é porque não importa, a minha patente não importa, o senhor está me ouvindo? Não importa qual é a merda da minha patente porque, bem, se tem uma coisa que é certa aqui nessa história é que não importa a minha patente, ela é maior do que a sua. Eu queria que o senhor soubesse que, primeiramente, eu não dou a mínima para a bosta da lojinha do senhor. Isso aqui, aliás, é uma cena do crime, até que se prove o contrário. Não vai passar cliente nenhum aqui, não! E que fique bem claro que eu atender esse chamado aqui é só uma obrigação desse meu dia que já não começou bem com a ligação do senhor antes das oito da manhã. Eu vou fazendo o que eu posso e o senhor também, não é mesmo? Então vamos deixar uma coisa bem clara: não tem nada que eu possa fazer. Antes de retirar o CADÁVER do MENDIGADOR, como o senhor muito bem colocou, é preciso que o acima citado passe por alguns procedimentos básicos que eu nem esperava que o senhor, um homem de patente inexistente, como já constatamos aqui, conhecesse. São todos procedimentos da mais alta importância e o não cumprimento dessa função acarretaria no mínimo no questionamento dessa minha patente pelos meus colegas de patente, já que ficaria bem claro que, como eu não conheço os procedimentos básicos, eu não poderia estar aqui, nesta posição em que eu estou.

DONATO

Muito bem, senhor. Eu não quero passar o dia aqui brigando com o senhor. Eu só não acho muito bom que os meus clientes passem o dia pulando um CADÁVER. Se o senhor pudesse usar a sua patente para resumir minha opinião, a minha opinião seria exatamente essa. Eu não gostaria que meus clientes tivessem que passar o dia todo pulando um CADÁVER.

COXA

SE - e somente se - eu liberar a cena do crime pro senhor continuar a sua vendinha aí, eu gostaria de lembrar. QUANDO - e somente quando - o suposto CADÁVER passar pelos procedimentos.

DONATO

Pois bem. Então o senhor poderia começar me contando quais são estes procedimentos?

COXA

Infelizmente, não vai estar dando. Os procedimentos são secretos.

DONATOS

Secretos?

COXA

Exatamente, secretos.

DONATO

Mas os procedimentos não seriam eles uma coisa pública?

COXA

Em que sentido?

DONATO

No sentido da coisa que não é privada.

COXA

Seriam, acho que seriam. É a minha impressão de que os procedimentos seriam, sim, coisa pública, aquela que não é privada.

DONATO

Se os procedimentos seriam uma coisa pública, então, portanto, o senhor, para manter a sua patente, se encontra no momento OBRIGADO a me contar quais são os mesmos procedimentos. Ou pelo menos, os mais importantes aí para que a gente vá agilizando a coisa toda. O senhor vai pra casa mais cedo, eu evito que

meus clientes passem o dia pulando um CADÁVER e todo mundo ri da situação. Vira caso pro café na padaria, o que é que o senhor me diz?

COXA (reticente)

É... Os procedimentos não são muito complicados, para falar a verdade. Existem alguns procedimentos. Não é apenas um. São alguns, os procedimentos, mas é um consenso entre todos os procedimentistas que o melhor dos procedimentos, o básico do básico, o fundamental mesmo é aquele em que a gente confirma que o CADÁVER está mesmo morto, que ele é mesmo um CADÁVER.

DONATO

Mas ele é!

COXA

E como o senhor pode ter tanta certeza? Diga-me, qual é a experiência do senhor com este tipo de situação? O senhor é médico, por acaso? E esse jaleco branco aí? Confere automaticamente ao seu dono a sabedoria e o conhecimento dos mais profundos recônditos do corpo humano? É isso mesmo?

DONATO

Veja bem...

COXA

O senhor chegou a cursar a Universidade dos Médicos?

DONATO

Não, mas...

COXA

O senhor por um minuto teve nem que seja uma vontadezinha pequena, minúscula, de ser conhecido como Excelentíssimo Médico, Doutor Dono da Loja de Ferragens?

DONATO

Eu não preciso ser médico pra saber que...

COXA (com exagerada empolgação)

Pois bem! Então o senhor tem experiência com esse tipo de situação!

DONATO

Não exatamente.

COXA (tirando do bolso um pequeno bloco de anotações)

Eu gostaria que o senhor pudesse começar a me descrever todos os detalhes da experiência que o senhor tem com este tipo de situação, a começar por quantos cadáveres foram encontrados na frente da sua estimada e turística loja de ferragens e terminando por quais produtos vendidos aqui poderiam ter facilitado a transformação do cadáver de pré-cadáver para pós-cadáver.

DONATO

Olha, o senhor não me ofenda logo agora que estávamos encontrando alguns objetivos em comum entre nós dois, o pequeno proprietário e o representante da lei. Eu posso até estar prestes a não frequentar mais esta categoria de pequeno proprietário, com este advento da promoção de minha humilde casa a ponto turístico da região, e o senhor com esta patente importante que o senhor tanto gosta de falar, mas acho prudente que mantenhamos antigas amizades e portanto não gostaria que começássemos a entrar em conflitos desnecessários. É CADÁVER. E tenho dito. É CADÁVER DE MENDIGADOR.

COXA

O senhor, estando aqui no centro VELHO desta cidade, certamente sabe reconhecer um MENDIGADOR quando vê um, mas tenho certeza de que não tem a mínima qualificação para afirmar se é ou não é CADÁVER. Nem eu com as minhas patentes tenho essa qualificação. A gente vai ter que esperar os HOMENS.

DONATO

Os HOMENS?

COXA

Os HOMENS. O SISTEMA ÚNICO. O senhor chamou os HOMENS do SISTEMA, não chamou, não?

DONATO

Não, ué! Chamei o senhor!

COXA

Como assim? Como não chamou os HOMENS? Foi o senhor o encontrador do corpo?

DONATO

Encontrador?

COXA

Como aquele que encontrou.

DONATO

Sim, senhor. Eu fui o encontrador, mas é claro!

COXA

E não pensou em chamar os HOMENS?

DONATO

É só um pedinte, um mendigo, um indigente, sei lá eu.

COXA (chocado)

O senhor não tem a menor ideia de como lidar com esse tipo de situação! E eu não posso voltar pra delegacia de mãos vazias, meu senhor! O que é que vão pensar de

mim? Eu estou a essa altura dos acontecimentos completamente convencido de que o senhor é um idiota! (Pausa) O que o senhor está esperando? Chama os HOMENS!

DONATO

Sim, senhor. É pra já! Os HOMENS! Vou ligar!

(Antes que Donato pegue o celular, ele toca. Coxa e Donato se entreolham desconfiados.)

DONATO

Número restrito?!

COXA

liiiih! Olha que são os credores, hein?

DONATO

Que credores o quê? O senhor está colocando a minha digníssima honra em questionamento? Eu não tenho credores!

COXA (quase infantil)

Então deve ser ele! (aponta com a cabeça para o saco plástico no chão)

DONATO (ainda sem entender direito)

Ele?

COXA (rindo)

É! Ele, ué? Do além! Deve estar querendo reclamar o tratamento.

DONATO (gargalha exageradamente)

Deve ser! Deve ser!

COXA (encorajado, fazendo voz esganiçada, imitando um gay afeminado)

Olá! Dá licença, boa noite.

DONATO (ainda mais animado)

É isso, é isso!

COXA (embarcando)

As duas senhoras estão muito ocupadas fofocando aí?

DONATO

É assim mesmo, é assim mesmo!

COXA

Será que podiam acordar pra vida e vir me tirar daqui?

DONATO (mais empolgado)

Eu! Eu vou tirar você daí! Eu vou!

COXA (continuando a voz afeminada)

Pode ser esse velho aí. Eu sempre dava pra uns velhos na rua mesmo. Tô aqui doidinha pra dar...

(Donato para a gargalhada no meio. Telefone para de tocar.)

DONATO

Eita, aí não dá, não, senhor.

COXA

Como não dá? É brincadeira, amigo, não sabe brincar, não?

DONATO

O senhor é que não sabe brincar, está me parecendo. Apenas nesses dois minutos de arrebatamento, o senhor estragou com vossas aberrações todo o nosso clima festivo aqui. E o senhor é testemunha que esta loja de ferragens está precisando de climas festivos.

COXA

Que aberrações são essas? Não vi nada demais! Apenas diversão saudável vinda de um oficial da lei que também precisa descontrair.

DONATO

Como não viu nada demais? O senhor estava aí, incentivando a NECROFILIA!

COXA

O QUÊ?! NECROFILIA?!

DONATO

Pois é isso mesmo que o senhor ouviu! NECROFILIA! A boa e velha NECROFILIA! O senhor estava insinuando que eu estou interessado em praticar relações sexuais com o CADÁVER que está plantado na frente da minha loja. E isso eu não vou admitir! Ouviu bem?

COXA

Mas o senhor só pode estar de brincadeira.

DONATO

Depois dessa ceninha sem graça e de mal gosto que o senhor perpetrou? De jeito nenhum! Não tem mais piada aqui, não! Isso é um ambiente sério.

COXA

Mas não se pode brincar com mais nada hoje em dia!

(Os dois ficam em silêncio, constrangidos por alguns momentos.)

DONATO (levemente magoado)

Além do mais, o senhor nem sabe se é homem ou se é mulher o CADÁVER!

COXA (percebendo)

Hummm.... E não é que é mesmo? Não sei.

DONATO

Como é que o senhor saberia se o CADÁVER em questão é da minha preferência sexual, por assim dizer? Se eu estaria disposto a me aventurar em busca da tal NECROFILIA com esse cadáver em particular ou se eu preferi-lo-ía aí na calçada, onde está e não deve sair jamais, a não ser para que eu possa reabrir minha loja de ferragens?

COXA (dando o braço a torcer)

Não sei, mesmo. Não sei.

DONATO

Pois então, quem é o mais esperto agora? Quem?

COXA

E é homem ou mulher?

DONATO

Quem?

COXA

O CADÁVER!

DONATO

E eu lá sei? Tava muito sujo! Só vi um pedaço do MENDINGO debaixo do cobertor.

COXA

Ah.

(Pausa.)

DONATO

Era homem, acho que era homem. Tinha uma expressão fechada na cara, assim (faz a expressão), de quem não veio pra esse mundo pra aguentar desaforo. Era homem, tenho certeza que era homem.

COXA (tirando do bolso seu bloquinho)

Homem. Idade aproximada?

DONATO (pensativo)

Não, espera... Não. Era mulher. Pensando melhor, era mulher. Tenho certeza. Tinha uma expressão na cara, assim, sofrida. De quem já aguentou tudo que é desaforo desse mundo... Era mulher. Tenho certeza de que era mulher.

(Em um canto do palco, Otto é iluminado.)

OTTO

É UMA TRAGÉDIA!

Isso só pode ser uma tragédia. Eu estou preso em uma tragédia, parece que estou correndo atrás do meu próprio rabo, uma, duas, cem vezes. Cada vez mais rápido, cada vez com essas bolhas que estão subindo no meu peito e me fazem pensar que eu vou vomitar e...

EU ESTOU COM MEDO.

O medo faz parte da tragédia. É o medo, é o medo que é o coração da tragédia. Tudo o que importa em uma tragédia está dormindo no coração do medo.

EU NUNCA ACHEI QUE ISSO IA ACONTECER COMIGO.

Nunca achei que a gente se perderia, ela é uma presença constante na minha vida desde o dia mais antigo que eu me lembro, e o tempo era um círculo. O tempo era

um círculo perfeito quando ela estava aqui. Eu não precisava entender o tempo. Eu não precisava.

EU NÃO TENHO MAIS TEMPO.

Ele está se esgotando. Ela deve estar entulhada debaixo de uma pilha de merda a essa altura. Ela está pensando OTTO, VEM CÁ. Ela só pensava OTTO, VEM CÁ. Eles pensam alto, eles precisam gritar seus pensamentos para que eles possam ser entendidos, e mesmo assim eles nunca são entendidos, NUNCA, e isso é a parte mais fundamental da tragédia da existência deles. Tudo que ela pensava era OTTO, VEM CÁ.

ISSO SÓ PODE SER UMA TRAGÉDIA.

Eu não sei o que é uma tragédia, mas uma tragédia é isso.

Uma tragédia é isso, só poder ser isso.

UMA TRAGÉDIA É UM CÂNTICO.

Uma tragédia é um cântico sobre um túmulo.

(Silêncio. A luz sobre OTTO se apaga.)

COXA

O senhor não vai ligar para os Homens?

DONATO (como que acordando de um transe)

O quê?

COXA

Os HOMENS! Eu preciso resolver essa pendenga aqui! Fechar o caso! Passar a régua! NÚMEROS, meu senhor! NÚMEROS! Levar os NÚMEROS pra delegacia! O senhor não vai ligar pros HOMENS?

DONATO

Os HOMENS! Como eu pude me esquecer dos HOMENS?!

(O telefone toca novamente, antes que Donato possa tirá-lo do bolso. Os dois olham um para o outro, desconfiados. Coxa faz gesto de que não vai falar nada desta vez. Donato, então, consegue atender.)

DONATO (afastando-se da cena enquanto fala ao celular)

Alô?

(Entra Hubu.)

HUBU

Com licença.

COXA

Não.

HUBU

Com licença, eu gostaria de comprar um chuveiro.

COXA

Eu estou com cara de vendedor de loja de ferragens, por acaso? E isso aqui nem loja é, aliás.

HUBU

Não? Parece tanto!

COXA

ISSO AQUI É UMA CENA DO CRIME, MOLEQUE.

HUBU

Ah.

(Silêncio)

HUBU

É que eu e minha irmã acabamos de nos mudar para o prédio da frente e estamos precisando de um chuveiro. Será que a sua cena do crime vende chuveiro?

COXA

Quantos anos você tem, muleque?

HUBU

Eu não sabia que tinha idade mínima para comprar chuveiro.

COXA

Tem.

HUBU

No meu país você não tem idade mínima para comprar nada. Um dia o meu país até tentou instituir uma idade mínima para comprar algumas coisas, certas coisas que você não quer que vá parar na mão de crianças e adolescentes, certas coisas ilícitas. O meu país tentou proibir que as crianças colocassem suas pequenas mãos em coisas como bebida e cigarros, e depois armas, mas eram exatamente as crianças que vendiam as bebidas e os cigarros e depois as armas e em certo ponto a própria proibição pareceu não ter mais sentido nenhum pra ninguém. 25 anos. Eu tenho 25 anos.

COXA (tirando a caderneta do bolso)

Entendi. 25 anos. Anotado.

HUBU (com medo)

Anotado? Não, senhor. Não precisa anotar.

COXA

Não precisa anotar? Não precisa por quê? Qual é o interesse do senhor em coisas que não ficam anotadas? As coisas sem registros? As coisas irregistradas?

HUBU

Nada, senhor, é só que eu não fiz nada de errado.

COXA

Ah, então o senhor acredita que só as coisas erradas devem ser anotadas! Os cadernos de anotações deveriam ser preenchidos por erros, é isso? A humanidade deveria ser lembrada apenas pelas suas grandes falhas. O homem, o lobo do homem. Entendi.

HUBU

Quê?!

(Donato retorna da ligação, sem olhar direito para Hubu.)

DONATO

Pois bem. Temos menos tempo do que esperávamos, mas acho que podemos dizer isso em qualquer ponto da vida, não é mesmo?

COXA

Eles estão vindo?

DONATO

Estão! Munidos de suas mágicas fitas métricas prestes a transformar a minha obra prima, esta magnífica loja, em um dos maiores pontos turísticos da capital paulistana!

COXA

Seu estúpido! Estou falando dos HOMENS!

DONATO (saindo tão rápido quanto entrou)

Ah, é! Esqueci.

(Coxa e Hubu ficam sozinhos no palco, em um silêncio constrangedor. Tentam começar assuntos, em uma tentativa de quebrar o gelo que sempre dá errado.)

COXA E HUBU (ao mesmo tempo)

Você viu que... Não, você primeiro... Pode falar... Imagina, qué isso...

(Silêncio.)

HUBU

E o meu chuveiro... será que...?

(Donato irrompe na cena mais uma vez, sem dar atenção a Hubu.)

DONATO

Pois bem, eles disseram que já tinha um chamado aberto. Algum vizinho ligou, estão mandando uma ambulância.

COXA

Ambulância? Do que vai nos adiantar uma ambulância a essa altura do campeonato? O TROÇO TÁ MORTO!

DONATO

Mas o senhor não tava agorinha mesmo duvidando de que isso seja um CADÁVER?

COXA

Eu não duvidei coisa nenhuma! Não coloque palavras na minha boca!

DONATO

Como não? Disse que eu não conhecia os procedimentos!

COXA

E o senhor conhece?

DONATO

Não, mas...

COXA

Pois está aí a própria prova confessional!

DONATO

O senhor só pode estar de brincadeira!

COXA

O que eu disse foi que, oficialmente, eu nunca poderia chamar isso aí de CADÁVER! Sou um homem responsável pelas minhas palavras. O CADÁVER só é CADÁVER, nos registros protocolados, depois que um especialista em CADAVERIFICAÇÃO assim o declare. Mas, aqui, entre nós, é claro que é cadáver, né? Convenhamos!

DONATO (suspirando)

Tá. Mas e agora?

COXA

Agora não sei, o senhor estragou tudo.

DONATO

Mas foi o senhor que mandou chamar os HOMENS!

COXA

Mas era pra avisar os HOMENS de que o CADÁVER é um CADÁVER! Não encher os pobre coitados de esperanças. Imagina, eles chegando aqui, preenchidos da ânsia de lidar com um moribundo, da vontade de impedi-lo de fazer a passagem para a condição de presunto, e encontram o morto, já passadinho, no ponto, desse jeito! Vão achar que eu sou um amator!

DONATO

Aí já não é mais problema meu!

COXA

Pois é, é sim! (Pausa. Coxa bufa uma, duas, três vezes, até que sua insatisfação vai se transformando em dúvida.) Hummm..., pensando bem, pode ser que funcione, viu? Os HOMENS chegam, declaram a hora do passamento e liberam o passado pra eu levar pro IML. Eu fecho o caso, dou o dia por encerrado e volto pra casa mais cedo. Em quanto tempo essa (faz o gesto das aspas com os dedos) "ambulância" chega aqui?

DONATO

50 minutos.

COXA

50 MINUTOS?!

DONATO

50 minutos! E está muito é do bom. Vai dar tempo suficiente para descascar esse abacaxi que veio me parar aqui na minha porta sabe-se lá por quê... Talvez seja algum carma que eu tenha que pagar.

HUBU

Com licença.

DONATO (apenas ouvindo, ainda de costas para Hubu)

Isso é um cliente?

COXA

Pois é, esqueci de mencionar, um cliente.

DONATO (virando-se)

Olá, cliente. Bom dia.

HUBU

Bom dia.

DONATO (Percebe a fisionomia negra de Hubu.)

A loja está fechada.

HUBU

O senhor vende chuveiros, não vende?

DONATO

Eu não vendo nada. Quem vende é a loja, eu sou um mero instrumento de seu trabalho na nossa modesta comunidade. E a loja está fechada.

HUBU

Mas o senhor está aqui.

DONATO

Eu estou sempre aberto. A loja é que não está. Infelizmente, nós madrugamos nesta manhã atormentados por um desgraçado de um abacaxi do tamanho de um CADÁVER HUMANO aqui na frente da minha loja, não sei se o jovem percebeu. Eu não tenho estrutura emocional pra isso.

COXA

Claramente.

DONATO (de repente, percebendo)

Ah, que indiscrição a minha!

COXA (irônico)

Não diga!

DONATO (ainda para Hubu)

No seu país isso deve ser tão comum.

HUBU

Na verdade...

DONATO (explicando, para Coxa)

No país dele, não tem várias coisas que a gente tem aqui.

COXA

Mesmo? Tipo o quê?

DONATO

Tipo Natal.

COXA

NATAL?!

DONATO

Natal! No país dele não tem Natal!

COXA

Mas como é que pode uma coisa dessas?!

DONATO

Não sei! Barbárie!

COXA

Mas e os presentes?

DONATO

Nenhum, nada.

COXA

E a árvore?

DONATO

Derrubaram todas.

COXA

E as luzinhas? Eu adoro as luzinhas!

DONATO

Eles vivem no escuro.

COXA

Senhor! Misericórdia!

DONATO (fazendo o sinal da cruz)

Para todos os HOMENS, amém.

(voltando-se novamente para Hubu.)

Pois deixa eu te explicar, meu rapaz. Aqui, neste país chamado SÃO PAULO, não é nada comum que a gente esteja chegando para um belo dia de trabalho e, antes que possamos dar as duas voltinhas na chave da fechadura, tropeçamos no que nós, em nossa inocência de PRIMEIRO MUNDO METROPOLITANO PRIVILEGIADO, consideremos que só possa ser um saco de lixo mal ajambrado no chão, um fardo de roupas sujas que alguém se esqueceu de tirar dali, qualquer

coisa desse tipo. E aí, na hora em que vamos nos abaixar para retirar esse entulho do caminho...

COXA E DONATO (ao mesmo tempo)
É UM CADÁVER!

DONATO
Um CADÁVER! Eu nunca imaginei que isso poderia acontecer comigo.

HUBU
Calma, meu senhor, calma!

DONATO (para Hubu)
Aqui é diferente do seu país! É muito diferente do seu país!

HUBU
Não, senhor. Não é tanto assim. No meu país...

DONATO (interrompendo)
NÃO! Você tem razão!

HUBU
Tenho?

DONATO
Talvez aqui não seja tão diferente assim do seu país.

HUBU
É mesmo?

DONATO

Talvez nenhum país seja assim tão diferente do seu país. Como é que pode? São só pessoas, não são? São só gente.

COXA e HUBU

São?

DONATO

Como é que gente pode ser alguma coisa completamente fora do que é ser gente? Não dá. A gente tem esse limite aqui (bate nos próprios braços). A gente tem aquele limite ali. (Olha para o cadáver.)

(Os três olham para o cadáver em silêncio por um momento. Luz ilumina OTTO a um canto.)

OTTO

QUE CHEIRO É ESSE?

É um cheiro estranho, mas é ela. É ela e o cheiro dela. Mas é um cheiro estranho. Eu não, eu não...

EU NÃO ACREDITO.

É o cheiro dela, mas parece que não. Parece mais azedo, parece distante, parece que está vindo de dentro de mim, de muito longe dentro de mim. Viver aqui é um milagre.

CADÊ ELA?

É ela. Eu tenho certeza que é ela. Mas em alguma coisa estranha. Alguma coisa que me lembra o fim. Não é o fim. Eu preciso que não seja o fim, mas cada passo que eu dou nessa direção me parece alguma coisa como o fim menos um.

É ISSO.

É o cheiro do fim.

Ela está perto.

MAS ESSA NÃO É ELA.

É OCRE.

É ÓDIO.

É ELE.

(Cleberson é iluminado no canto oposto do palco. Otto desaparece. Coxa, Hubu e Donato olham para o corpo de Xismene em silêncio. Donato irrompe de repente.)

DONATO

E qual foi o meu primeiro pensamento ao me deparar com o CADÁVER? Vou chamar a polícia, mas é claro! Os homens da lei! O monopólio da força comandando pelo estado! Se eles detém o monopólio, é porque são bons nisso, certo? ERRADO! Que engano, meu jovem, que engano! Este senhor aqui só sabe vomitar a sua patente pra cima dos outros.

COXA

Como é que é?

DONATO

Pois é isso mesmo o que eu estou dizendo. Vomitar. Patente. (faz gesto de vômito cômico e desajeitado)

COXA

Mas assim omitindo a história toda fica fácil manipular os meios, não é mesmo, meu senhor? Pois o senhor conte pra este jovem que é leigo. Conte. Estou esperando. Conte que, apesar da pompa e desse jaleco branco odioso, o senhor não é médico coisa nenhuma, nunca quis ser médico, nunca nem tentou ser médico, e vem aqui pra cima de mim querendo declarar óbito? Faça-me o favor!

HUBU

Médico? Os senhores precisam...?

COXA

Se o senhor algum dia da sua vida tivesse ousado pensar na possibilidade de ser médico...

HUBU

Eu sou...

DONATO

Aí seria outra história! Aí, pra bem de falar a verdade, a gente ia até reparar uma mudança no senhor, uma aura, como o senhor gosta de falar.

COXA

A vontade que o senhor já teve de alguma maneira iria se infiltrar nos ossos do senhor, na pele, ia deixar umas marcas no sangue, ia aparecer no brilho dos olhos, numa certa pompa natural que as pessoas que já tiveram vontade de ser médico têm, o senhor tá me entendendo? Porque pobre nunca quis ser médico, não. Pobre já nasceu sabendo que dava, no máximo, pra dono de loja de ferragens.

HUBU

Com licença, eu...

DONATO

POBRE?! POBRE?!?! O senhor respeite de uma vez por todas o pequeno empresariado local! Aliás, local, não! Local seria se eu fosse dono de uma loja de ferragens no Espírito Santo, no Ceará. Um dono de uma loja de ferragens em Quixeramobim do Norte é empresariado local! Eu sou dono de uma loja de ferragens NO CENTRO DE SÃO PAULO!

HUBU

EU SOU MÉDICO!!!

(Coxa e Donato olham um para o outro, espantados. Desatam a gargalhar.)

COXA (em um ataque de riso)

O quê? O que você disse, garoto? O quê que foi?

DONATO (em uma crise de riso)

Não, não faz isso comigo! Não pede pra ele repetir! É muito pra mim!

HUBU

Eu sou médico. No meu país.

DONATO

No seu... país? (gargalha)

(Donato engasga. Coxa vai ajudá-lo.)

COXA

Essa é ótima!

HUBU

Vocês não estão precisando de um médico?

DONATO

Não fala mais nada, garoto. Mais nada! Senão estraga! Brilhante!

(Ao fundo, começa-se a ouvir a voz de Otto, gritando, enquanto Donato e Coxa ainda riem.)

OTTO

CADELA! CADELA! CADELA!

Cadê ela?

(Donato e Coxa se recuperam do ataque enquanto Otto, amarrado pelo pescoço em uma coleira, entra em cena, puxando Cleberson atrás, que tenta acalmá-lo.)

OTTO

Cadê? Cadê ela? Ela? Onde?

CLEBERSON

Xiiiiiiiu... Otto! CALA A BOCA, OTTO! Os Homens!

DONATO, COXA e HUBU (de repente nervosos)

ONDE?! Os HOMENS?! ONDE?!

CLEBERSON (um pouco constrangido)

É... Vocês, os homens...

DONATO, COXA e HUBU (muito aliviados)

Aaaaaaaah... Ufa!

OTTO

Cadê? EU ESTOU SENTINDO!

Eu estou sentindo um cheiro! É o cheiro dela?

PARECE!

Parece que alguém tirou ela do cheiro dela.

Parece que é só o cheiro dela.

E mais alguma coisa que eu não consigo...

(Otto vai seguindo o cheiro até chegar perto de Xismene.)

OTTO

NÃO!!!! NÃO!!! NÃO!!!!

(Otto se contorce todo no palco, urra de dor.)

CLEBERSON

Calma, Otto! Calma!

COXA

O que que é isso?

DONATO

O senhor contenha o seu cachorro!

HUBU

Ele não pode fazer isso aqui!

COXA

Isso é comportamento pra se ter em um espaço público?

DONATO

Na frente da minha loja de ferragens?

CLEBERSON

OTTO, FICA QUIETO! CALA ESSA BOCA, OTTO!

HUBU

Calma, senhor! Coitado do cachorro!

COXA

O senhor dê um jeito nisso imediatamente! Ou eu vou levar os dois em cana, ouviu bem? OS DOIS, SEUS ANIMAIS NOJENTOS.

(Cleberson pula em cima de Otto e, com certa dificuldade, o imobiliza, envolvendo sua cabeça em um saco plástico. Aos poucos, ele começa a perder o fôlego, até que desmaia violentamente.)

DONATO

Virgem Maria!

HUBU

Misericórdia!

COXA

Jesus!

DONATO

Que perigo! Deixar um animal desses solto assim.

COXA

O animal é responsabilidade do dono!

CLEBERSON

Ele nunca fez isso. É que...

DONATO

Não é desculpa!

COXA

Não mesmo!

CLEBERSON

Ele era muito chegado nela.

DONATO

Tem sempre uma primeira vez!

COXA

Sempre!

HUBU (estendendo a mão para Cleberson)

Prazer, Hubu.

CLEBERSON

Oi.

COXA

E o senhor quem é?

CLEBERSON (falando mais alto como se Coxa fosse surdo)

Cleber, senhor.

COXA (pegando o bloquinho)

Tá. Mas Cleber, do quê?

CLEBERSON

Da Silva.

COXA (guardando o bloquinho, irritado)

Da Silva? E isso me serve de quê?

CLEBERSON

Aí eu não sei, não.

COXA

Pelo que pude perceber nessa situação embaraçosa que acaba de acontecer...

DONATO

Ultrajante!

COXA (para Hubu)

O senhor cale a boca!

(para Cleber)

Pelo que pudemos perceber pelo seu espetáculo ultrajante, o seu cachorro era íntimo da vítima, era isso mesmo?

CLEBERSON

Sim, senhor.

COXA (puxando novamente o bloquinho)

E qual era o grau de intimidade dos dois?

CLEBERSON

Ele era dela.

COXA

Hum. Relação de propriedade, então.

CLEBERSON

Isso, propriedade. Ele era dela, e ela era minha.

COXA

Entendi. Sua?

CLEBERSON

É, mulher.

COXA

Uau. Progredimos muito no nosso drama aqui, então!

DONATO

Progredimos?

COXA

Muito!

HUBU

Então eu já posso comprar meu chuveiro?

COXA e DONATO (para Hubu)

Cala a boca!

COXA (para Donato)

Mas é claro que progredimos! Nós temos uma identificação! Isso é tudo o que os HOMENS querem num caso dramático como esse! Eles são loucos por esse negócio de identificação.

DONATO (espantado)

Pois são?

COXA

São! Acredita? Está em todos os manuais! A primeira coisa que a gente precisa saber sobre um CADÁVER é sua identificação. A primeira!

(Para Cleberson)

Então, o senhor confirma que o CADÁVER é do sexo feminino? Uma mulher do sexo feminino?

CLEBERSON

Confirmo, pois, sim, senhor.

COXA

Tem certeza?

CLEBERSON

Absoluta.

COXA

Ótimo! Já dá pra ir adiantando o trabalho dos HOMENS.

DONATO

Pois bem, mas a identificação prevê o nome da dita cuja, não prevê, não?

COXA

Mas é claro! O senhor está achando que eu não sei fazer o meu trabalho, não? É isso?

DONATO

O senhor não perguntou o nome! Está todo mundo de prova! (para Hubu) Fala, moleque! O que ele perguntou? O nome?

HUBU

Não, senhor.

DONATO

Ele perguntou foi o sexo! Você perguntou o sexo e ponto final! Sexo lá é identificação?

COXA

Mas é claro que é!

DONATO

O senhor pare de baboseira! (para Cleberson) Qual é que era o nome da sua CADÁVER?

CLEBERSON

O nome dela é...

COXA (cortando violentamente)

O SENHOR NÃO OUSE!

(Assustado, Cleberson se interrompe.)

COXA

O senhor não ouse responder uma pergunta dessa a um civil qualquer! Essa resposta pertence unicamente a mim, o representante da lei.

(Cleberson não sabe o que fazer.)

COXA

Vamos, rapaz! Responda logo! Qual é que é o nome dela?

CLEBERSON

Xismene. A gente chamava ela de Xismene.

COXA

Xismene?

HUBU (meio decepcionado)

Xismene?

CLEBERSON

Xismene.

(OTTO acorda de repente, como se estivesse se salvando de um afogamento. Grita de desespero e dor. Cleberson monta novamente em cima dele e o apaga com o saco plástico. Todos respiram aliviados.)

DONATO

Poxa, que decepção! Esse era o nome da CADÁVER?

COXA

OPA! Que desrespeito é esse?

DONATO

Mas é feio o nome, ué!

COXA

Estúpido! Estou falando de se referir à senhora Xismene com essa palavra horrrosa aí.

DONATO

Xismene? É a palavra dela! Não é, rapaz?

CLEBERSON

É, sim, senhor!

COXA

Não, a outra palavra!

DONATO

Ah! CADÁVER?

COXA (como se seus ouvidos agora doessem com essa palavra)

Isso! A senhora agora tem nome!

DONATO

Mas é horrível! A gente pode chamar ela pelo sobrenome. Qual era o sobrenome dela, rapaz?

CLEBERSON

Isso aí eu já não sei, não.

DONATO

Mas como não?

COXA

Não era sua senhora?

CLEBERSON

Era, mas ela não tinha mais documento, não, senhor.

HUBU (com medo)

Não tinha?!

CLEBERSON

Não, senhor.

DONATO

Mas então isso quer dizer que ela era...

COXA e HUBU (assustados)

INDIGENTE!

CLEBERSON

Sim, senhor.

DONATO (fazendo o sinal da cruz)

Deus me livre!

COXA

Por acaso o senhor também não é...?

CLEBERSON

Não, senhor. Eu trago os meus documentos aqui comigo, sempre trouxe.

DONATO

Ufa! E você, moleque?

HUBU

O que que tem eu?

DONATO

Você tem documento?

HUBU

Claro que eu tenho!

(Coxa muda seu foco para Hubu, observando desconfiado.)

DONATO

Espertinho! Eu não tô falando dos seus documentos lá do seu país, não.

CLEBERSON

Do seu país não vale.

DONATO

Do seu país natal sem Natal.

COXA

O jovem tem documentos aqui do nosso país?

CLEBERSON

Eles não têm Natal?!

HUBU

Tenho, sim, senhor.

COXA

Ah, é? Pois então presente.

HUBU

Não tá aqui comigo, não, senhor.

COXA

Pois onde é que está o documento? Em casa, né?

HUBU

Eu saí de casa rápido. Só atravessei a rua pra comprar um chuveiro.

COXA

Entendi. Então vamos lá na sua casa pegar os documentos.

HUBU (com medo)

Lá em casa?

COXA (cada vez mais ameaçador)

É, não está lá na sua casa?

HUBU

Está.

COXA

E o que mais que está lá na sua casa? Você tem uma irmã, não tem? Sua irmã está lá? Me conta.

HUBU

Não, ela saiu.

COXA

Saiu, sei. Vamos lá ver se ela saiu.

HUBU

Não, senhor.

COXA

Mas que maravilha! É o rapazinho aí que vai salvar meus NÚMEROS! Quem diria? Então eu posso te levar lá pra delegacia direto, é isso, rapaz?

HUBU (resignado)

Pode, sim, senhor.

DONATO

Epa! Espera aí! E quem é que vai resolver a minha situação aqui?

COXA

E eu vou lá saber? Não é mais problema meu! Vou passar pro próximo turno!

DONATO

Mas daqui a pouco chega o meu homem! O homem do guia de turismo! Como é que eu vou receber ele aqui dentro com a INDIGENTE aqui, à vista de todo mundo?

COXA

Eu não posso fazer nada! Essa aí já não tem mais jeito, eu tenho que resolver a situação é desse aqui que ainda está vivo e ainda responde às conformidades da lei.

DONATO (explodindo)

Mas o senhor precisa terminar o que começou! O negócio é a INDIGENTE! É dela que estamos falando! Tem que ter algum procedimento aí anotado nessa sua caderneta inútil que sirva pra gente poder se livrar dessa situação. Não é possível! Já está mais do que provado que o CADÁVER não só é CADÁVER como faz parte

de um grupo muito inútil de CADÁVERES que são os CADÁVERES INDIGENTES!
Não é possível isso!

(Otto se levanta e começa desesperadamente a chorar. Prevê a aproximação de Cleberson e sai correndo pelo palco, fazendo círculos em volta de Xismene.)

DONATO (gritando)

TÁ VENDENDO? OLHA SÓ ESSA CONFUSÃO!

(Coxa saca de repente a arma do coldre e dispara um tiro pra cima. Cleberson e Otto param assustados.)

COXA

EU QUERO ORDEM NESSA PORRA.

(Todos ficam em silêncio.)

COXA (deixando Hubu de lado)

Pois bem, existe um procedimento. Um dos secretos.

DONATO

Perfeito!

COXA

Não é um dos melhores.

DONATO

Não precisa ser!

COXA

Tem falhas.

DONATO

Todos temos.

COXA

Pois bem, é o seguinte. Dizem alguns dos melhores procedimentistas que um dos jeitos de averiguar se o morto passou mesmo pro outro lado é a observação minuciosa de seus familiares. Se o CADÁVER for mesmo CADÁVER, nos dias ou nas horas seguintes, pode ser observado um fenômeno peculiar em alguns deles, que pode ser dividido em 5 fases, mas que de maneira geral convencionou-se chamar de Lamentação Uterina de Totalização Ontológica, LUTO.

DONATO

E por que o senhor não disse antes? Temos familiares aqui!

COXA

O senhor está surdo? Não ouviu? Eu disse UTERINA. Só dá em mulher essa porra.

DONATO (decepcionado)

Ah!

CLEBERSON

O Otto é fêmeo.

COXA, DONATO e HUBU

O quê?!

CLEBERSON (repetindo devagar)

Fêmeo.

(Os três desatam a gargalhar.)

HUBU

Fêmeo?!

CLEBERSON

Ele é fêmeo. É um cachorro trans.

(Coxa, Donato e Hubu continuam gargalhando.)

CLEBERSON

É verdade. A gente achou ele, deu o nome de Otto, e depois viu que ele não tinha pinto. Mas nunca que importou pra Xismene isso, não. Ela não via essas coisas.

(Coxa e Donato tentam se recompor.)

COXA

Olha, pior que pode servir.

HUBU (espantado)

Não!

DONATO

Tem certeza?

COXA

Nos procedimentos só fala de útero! O fêmeo aí tem útero, não tem?

DONATO

Mas é um cachorro! Isso é quase uma bestialidade! Uma ZOOFILIA! Não deve de ser bom pra um homem de bem como o senhor usar de base pro procedimento um ANIMAL desses! O senhor tem certeza de que a gente não pode abrir uma exceção pra esse negócio do luto? O que é que o senhor precisa pra constatar o L.U.T.O.?

COXA

Bom, pra começar, acho que tem que chorar, né?

HUBU

Que nem o cachorro fez agora?

DONATO (aproximando-se de Cleberson)

Mas e se o rapaz aqui chorasse? Hein? Ele consegue chorar, não consegue?

CLEBERSON

Não sei, não, senhor. Eu não sou muito dessas coisas de chorar, não.

DONATO

Faz assim, lembra de quando vocês se conheceram. Como foi? Foi romântico?

CLEBERSON

Mais ou menos, senhor.

OTTO

Ele comprou ela.

DONATO, COXA E HUBU

O senhor o quê?

(Otto vai aos poucos se deitando ao lado de Xismene.)

CLEBERSON

Eu comprei ela. Ali do lado da delegacia. Juntei dinheiro uns dois meses só pra isso.

HUBU

Ela era do senhor?

CLEBERSON

Minha mulher.

DONATO

Porque o senhor comprou ela.

CLEBERSON

200 reais.

COXA

E ela não tinha documento...

CLEBERSON

Não, senhor. Mas eu cuidava bem dela. O senhor não pense...

HUBU

Não, claro que não...

CLEBERSON

Eu nunca coloquei um dedo nela!

COXA

Obviamente!

DONATO

É, acho que a gente vai ter que ficar com o L.U.T.O. do cachorro mesmo.

COXA

Tem um outro jeito.

HUBU

Ufa.

COXA

Quando a CADÁVER é fêmea, não é sempre que a gente consegue averiguar um L.U.T.O. por parte dos familiares, o senhor veja bem. Não são todos os familiares que estão se importando com a morte das CADÁVERES hoje em dia. Então basicamente só fazemos o procedimento de reconhecimento do corpo mesmo.

DONATO

Ah, mas isso é mais fácil!

COXA

Bem mais fácil. Só necessita de um oficial da lei, como eu, e um parente próximo da vítima. O dono deve servir. (Coloca Cleberson perto dela.) Agora, eu levanto assim o cobertor e... o senhor pode confirmar a identidade da morta?

CLEBERSON (olhando debaixo do cobertor)

Sim, é a Xismene. É a minha Xismene. (começa a chorar)

COXA

Muito bem! Chorou! Agora, sim! Então agora vamos dar início ao processo... (Coxa joga um olhar para a morta e interrompe-se no meio). NÃO!! (afasta-se repentinamente de Xismene). NÃO! (constrangido) Os senhores me desculpem, mas acho que alguma coisa está acontecendo comigo...

DONATO

O que foi, meu senhor?

COXA

É que, por um minuto eu jurei que... Não, não pode ser. (Vai até Xismene novamente, levanta o cobertor e se afasta assustado.) MEU DEUS, É ELA! É ELA!

DONATO

Ela quem? Não é Xismene o nome da INDIGENTE?

COXA (atormentado)

É, mas ela parece muito! Ela parece muito com a MINHA MÃE!

DONATO

Sua mãe? Mas isso é impossível, senhor!

COXA (quase em um surto mental)

Eu sei! Por isso que eu acho que tem alguma coisa... (mais atormentado) alguma coisa na minha cabeça....

(Donato aproxima-se do corpo, levanta levemente o cobertor e dá um berro.)

DONATO

MEU DEUS! Não, senhor! Não é possível! Essa mulher parece muito com a MINHA MÃE! A semelhança é assustadora.

HUBU (aproximando-se)

NÃO! ELA É MINHA MÃE! EU TENHO CERTEZA! A MINHA MÃE!

(Os três começam a brigar pela identidade de Xismene. Otto ainda adormece a seu lado. Cleberson chora cada vez mais alto. Até que o corpo coberto começa a se mexer. Ela se levanta. Todos notam sua presença, em silêncio.)

EPÍLOGO

(Xismene está sozinha no palco. Ela é uma deusa de pedra presa dentro de si mesma, que, a cada verso de sua prosa-poética, busca Otto e se encaminha para a saída do teatro.)

XISMENE

Estes rios que me abraçam são todos rios de vida e de espectro. Eu não sei mais como me chamam e não estou com muita pressa, mas preciso descobrir como chegamos lá. Não. Não chegamos em lugar nenhum. As palavras que me escorrem não são o rio, mas também não fazem nada que eu não gostaria de ter feito. Minhas mãos doem, minhas pernas voam e meu estômago está em um lugar desconhecido. Saio agora por aí com mais do que a liberdade que todos tinham e eu nunca pude morder. Quem vem lá? Eu escutei alguma coisa? Vocês me desculpem. Faz um dia inteiro que eu estou aqui, não sei se consigo mais tocar essas cordas vocais que eu tinha e que não sei mais onde estão. A Xismene precisa. A Xismene precisa ir. Alguém precisa deixar a Xismene ir. Ela é liberdade. Eu preciso atravessar esses rios a nado, e não tem nada que eu possa fazer. De todo mundo que já ficou maluco no mundo eu gosto mesmo é de você. E de mim. E do Otto! O Otto! Estou lembrando agora! Onde está o Otto? Sumiu. Ele não deve estar mais aqui. Espero que esteja bem. Minha lâmina mais afiada eu guardei pra passar aqui nesse cantinho da boca, quando tudo tiver acabado. Mas não fui eu. Não fui eu que fez isso comigo. Quem foi? Eu quero sair. Será que eu posso sair? SOU UM CADÁVER VIVO. A lua lá em cima e eu aqui embaixo, tão pequena e empoeirada que morri três vezes. Este concreto que me machuca a carne é o mesmo que está sob os seus pés todos os dias. Sou um cadáver vivo, uma fênix que renasceu das suas cinzas concretas, que brotou rasgando todas as entranhas dessa cidade, terra barrenta e mofada. Otto? É o Otto! Os livros da minha vida têm só figuras, embaçadas, e eu sou analfabeta pra poemas sem cor. Eu sou um cadáver de concreto. Em São Paulo, a cidade das águas soterradas, do rio que corre das nossas lágrimas secas de angústia e chão. Eu criei a minha pele do avesso e não reconheci meu fígado, ele estava distante de mim. Mas eu não tenho um rio, só tenho cimento. Eu tenho certeza! O Otto veio me buscar! E meus pés não tocam mais no chão, eu aprendi a voar depois desse asfalto quente. Essa manta é pra mim? Posso? Quero me cobrir e cantar. Otto! Posso cantar pra você? Cantar é morrer ao contrário. Eu morri ali, na frente daquela loja de ferragens do centro de São Paulo, a sua cidade. Mas eu só quero um ódio e um pão. Essa é a sua cidade, mais sua do que minha. Eu só quero morrer ao contrário. Espera! Eu acho que já sei. Todo o tempo que eu tive me engoliu, e agora eu sou a sua velha e a minha.

Podemos caminhar juntas? Eu e você? Eu, você e o Otto. Vem comigo. Eu preciso encontrar o Otto. OTTO?! Otto? Otto? (Xismene vai deixando o teatro e se encaminhando para a rua.)